

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICHPO
GLÁUCIA S. DOMINGOS

**DIFERENÇAS ENTRE DIFICULDADE E TRANSTORNO DE
APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: análise
bibliográfica**

ITUIUTABA - MG

2018

GLAUCIA SANTANA DOMINGOS

**DIFERENÇAS ENTRE DIFICULDADE E TRANSTORNO DE
APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: análise
bibliográfica**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Instituto de Ciências Humanas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Maria Aparecida Augusto Satto Vilela.

Ituiutaba - MG

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente à minha mãe Eliene, por estar sempre ao meu lado, apoiando-me, dando força para vencer os obstáculos, principalmente a timidez, que carrego comigo desde minha infância e venho superando a cada dia de minha vida. Minha mãe, mulher guerreira, maravilhosa, forte e que, apesar das atribulações da vida, nunca perdeu a fé em Deus. Sempre com o coração cheio de amor, ensina-me todos os dias a respeitar o próximo, a olhar os outros sem maldade, com o coração desarmado.

Dedico também este trabalho ao meu pai João Pedro, por ser o melhor pai do mundo, trabalhador, humilde, de um coração imensurável. Sempre disposto a ajudar, nunca pensa em si, mas sim nos outros. Sua prioridade é a família e amigos, por último a si mesmo. Meu pai nunca me deixou na mão quando precisei e não mede esforços para me ajudar até hoje, não sendo mais uma criança. Não reclama de nada, sempre calado, faz o que seu coração determina, tudo com uma imensa paz. Dele e também de minha mãe, retiro minhas forças para lutar e seguir em frente, pois é por meio do apoio de meus pais, que consegui realizar o meu sonho e, com certeza, o sonho deles também.

Agradeço imensamente a Deus por ter meus pais comigo, sempre me auxiliando nessa jornada de cinco anos de aprendizagem, sendo sempre meu alicerce para as minhas conquistas. Meu pai e minha mãe são meu porto seguro, que amarei eternamente. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ser meu guia, minha luz divina, a fonte de meu viver e existir. Agradeço a Ti senhor, pois sem Você não sou nada nesse mundo e não conseguiria chegar até aqui.

Em seguida, agradeço aos meus pais e familiares que, de certa forma, contribuíram muito com a minha longa jornada de formação acadêmica, apoiando-me, dizendo que sou capaz, estimulando o meu crescimento intelectual e profissional. Agradeço ao meu namorado Cauê Rodrigo que, apesar de morar longe, esteve sempre presente em cada etapa de minha formação, do início ao fim, a todo o momento me apoiando. Mais que um namorado, é meu melhor amigo, aquele em que posso contar nas horas mais difíceis. Agradeço por fazer parte de minha vida, dos meus sonhos e conquistas.

Quero mencionar também que essa jornada vivenciada não foi fácil; houve vários obstáculos que tive de superar para encontrar o meu lugar ao sol. Durante esse período, tristezas, estresse, angústia, pressões psicológicas e, principalmente, o medo, permearam toda essa longa caminhada; muitas vezes árdua, porém rica em aprendizagem. Todo esse processo se fez necessário para me tornar mais forte e, principalmente, capaz de enfrentar situações diversas. Por mais que o medo e a timidez me assombrem durante minha trajetória, nunca desisti, pois sei que sou mais forte e tenho comigo meu querido Deus que me sustenta, e uma família abençoada que me deu estímulos para perseverar.

Quero destacar que não foram só momentos turbulentos que circundaram o meu caminho, tive instantes muito felizes, que guardarei eternamente em meu coração. Conheci muitas pessoas iluminadas que me acompanharam nessa jornada. Dentre elas, amigos/as e professores/as maravilhosos/as que a Universidade me presenteou. Quero agradecer às minhas colegas de curso: Junia e Maria Cristina, que sempre estiveram comigo desde o início dessa jornada, nas elaborações de trabalhos em grupos, seminários etc. Foram minhas parceiras de luta e também de muitas alegrias. Agradeço a vocês pela amizade e companheirismo nas horas difíceis, apoiávamos umas às outras e, apesar das mínimas desavenças, terão um espaço reservado em meu coração, pois com vocês a caminhada tornou-se mais tranquila.

Quero agradecer imensamente a cada professor/a que me ajudou nessa jornada, possibilitando o meu crescimento intelectual, amadurecimento, construção do

conhecimento e reflexão perante a realidade que nos circunda. Grata imensamente pelo compromisso e dedicação de cada um à minha formação docente. Destaco aqui, meu enorme carinho à Professora Betânia, que sempre esteve disposta a me auxiliar nos momentos em que mais precisei, e também por aceitar o convite de compor a banca para a apresentação do TCC. Sem contar que, além de ser uma excelente profissional, competente e dedicada, é um exemplo de mulher, uma pessoa maravilhosa, querida e amada por todos/as. Gratidão por contribuir em minha formação.

Agradeço à professora Lucia Helena, pelo empenho em ver seus alunos/as crescerem e se transformarem em profissionais que, possivelmente, farão a diferença em sala de aula. Agradeço à professora Simone Passos pelas considerações efetuadas na banca de qualificação de meu TCC, assim como em suas aulas, das quais trouxe conceitos e referências teóricas imprescindíveis à minha formação.

Gratidão à professora Vilma por participar da banca de TCC, pois, com certeza, contribuiu com enriquecedores apontamentos e sugestões ao meu trabalho para que ele pudesse ficar ainda melhor.

Em especial, agradeço à minha admirável orientadora professora Dra. Maria Aparecida Augusto Satto Vilela, a qual tenho um imenso respeito e carinho. Agradeço, em primeiro lugar, por ter aceitado ser minha orientadora e, conseqüentemente, caminhar comigo nesta reta final em busca de meu sonho. Gratidão por se fazer tão presente e responsável em tudo que se dedica a realizar. Você é um espelho para mim e para muitas pessoas que cruzaram seu caminho, pois carrega consigo muita luz, garra e fé que a sustenta. Não sei como consegue conciliar tantas tarefas diárias como família, filhos etc.; muitas delas extremamente exaustivas. Só sendo muito abençoada para conseguir essa façanha, e tenho mais que certeza que você o é. Simplicidade e competência a meu ver são o que mais a definem e, apesar de querer demonstrar a todos/as ser uma mulher durona, tem um coração mole, enorme e que cabe todo mundo dentro. Gratidão por fazer parte dessa conquista, e ter compartilhado saberes, agregando conhecimentos ricos à minha formação. Admiro-a muito, mulher guerreira!

Sei que essa etapa se encerra; porém, outros ciclos se iniciarão em meu caminho, com novas possibilidades, desafios e muitas conquistas. Há um mundo novo, repleto de desafios e também de realizações que me espera e eu ei de agarrar com unhas e dentes, colocando em prática o que aprendi em minha formação docente inicial.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	9
2.	Apresentação das fontes/ textos encontrados.....	11
3.	Análise das fontes/textos encontrados.....	16
	3.1 Dificuldade de aprendizagem: Contribuições dos/as autores/as analisados/as.....	16
	3.2 Transtorno de aprendizagem: O que os referencias bibliográficos revelam.....	21
	3.3 Diferenças entre Dificuldade e Transtorno de Aprendizagem.....	27
4.	Considerações finais.....	34
5.	Referências.....	37

RESUMO

Este trabalho trata da diferenciação entre dificuldade e transtorno de aprendizagem, por meio de análises de referenciais teóricos que discutem a temática. O objetivo geral foi compreender se há diferenças entre dificuldade e transtorno de aprendizagem, e quais são elas. Os objetivos específicos foram: destacar a importância de se obter conhecimentos a respeito das diferenças entre dificuldades e transtorno de aprendizagem; contribuir com mais pesquisas a respeito desta temática; e levantar quais são as áreas do conhecimento que tratam como mais incidência sobre tal assunto, de acordo com as referências consultadas. As problemáticas que direcionaram esta pesquisa foram: Quais são, caso existam, as diferenças conceituais entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem, de acordo com o referencial analisado? Que áreas do conhecimento tratam sobre essa diferenciação e contribuem para a construção de distinções entre elas? Como proposta de trabalho, optou-se como caminho metodológico pelo estudo bibliográfico, com delineamento quali-quantitativo. O procedimento teórico-metodológico abrangeu levantamento bibliográfico, elegendo artigos, teses, monografias e dissertações que tratam sobre a temática a ser pesquisada, selecionados no *Scielo* e *Google acadêmico*. Tendo em vista os textos escolhidos, o critério de seleção foi a bibliografia publicada a partir da década de 2000 em diante. Os/as autores/as selecionados/as foram: Barbosa (2015), Correia e Martins (2005), Cortez e Faria (2011), Cunha (2006), Feitosa e Nunes (2012), Franceschini *et al.* (2015), Germano e Capellini (2011), Massi (2004), Souza (2015a), Peretti (2009), Rodrigues (2009), Santos (2015), Smith e Strick (2001). Os resultados obtidos evidenciaram que existem diferenças entre transtorno e dificuldade de aprendizagem. As distinções entre ambos são significativas, pois com relação à dificuldade de aprendizagem, esta se manifesta por meio de fatores de ordem orgânica, mas também externa, ou seja, o meio social e afetivo pode interferir. Já os transtornos são de ordem interna, biológica, afetando a cognição por meio de processos neurológicos, causando distúrbios mentais na hora de aprender conceitos matemáticos, e a ler e escrever. Contudo, tais distúrbios e dificuldades poderão ou não a ser minimizadas por meio do trabalho conjunto, englobando equipes multidisciplinares, escola, pedagogos/as e familiares. Com base, na análise efetuada a partir dos anos 2000, as áreas das ciências humanas (Pedagogia), da Psicologia e Psicologia da Educação auxiliaram com pesquisas sobre essa temática.

Palavras-chave: Dificuldade de aprendizagem. Transtorno de aprendizagem. Pesquisa bibliográfica.

1 Introdução

Esta pesquisa trata das diferenças entre os termos dificuldade e transtorno de aprendizagem no campo da educação escolar. A escolha pela temática é resultado de reflexões elaboradas em estudos teóricos e práticas vivenciadas durante a formação inicial no curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas – ICHPO, da Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

Um dos motivos para o interesse na temática surgiu a partir de algumas disciplinas; dentre elas, destacam-se os estudos efetuados em Psicologia da Educação¹ e os Estágios Supervisionados² que contribuíram de forma significativa para a escolha do objeto de pesquisa. No caso dos Estágios, foi possível ter um contato mais próximo com a realidade do/as educandos/as, em que se constatou a existência de estudantes que os/as professores/as afirmavam ter dificuldades de aprendizagem. Já em Psicologia da Educação, além dos conteúdos ministrados, foi sugerido pela docente um estudo de caso alusivo à dificuldade de aprendizagem, no qual intensificou-se o interesse pelo assunto. Ressalta-se que, além dos componentes curriculares mencionados, houve também discussões realizadas em sala de aula por alguns/algumas professores/as que contribuíram para reflexões sobre o tema.

Outro fator importante foi à participação como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)³, em um projeto na área da alfabetização. Tal projeto contribuiu para promover experiências ricas de aprendizagem, vivenciando a *práxis*, uma vez que propiciou reflexões teóricas com base na prática em sala de aula. Ele proporcionou momentos valiosos para aprimorar e adquirir mais conhecimentos pedagógicos, por meio do contato direto com as crianças. Nesse contexto, participar deste projeto foi relevante também para aprender a trabalhar coletivamente, elaborar projetos, planos de aula, artigos individuais e experienciar mais diretamente a prática, além do que é ofertado pelos estágios obrigatórios do curso de Pedagogia.

A escolha do tema também se deve ao fato de ser um assunto muito importante, sobretudo porque “dificuldades e transtornos de aprendizagem” são termos que estão presentes no cotidiano escolar; na maioria das vezes incompreendidos pelos/as

¹ Disciplina ministrada pela professora Dra. Maria Aparecida Augusto Satto Vilela.

² Disciplina ministrada pela professora Dra. Lúcia Helena Moreira de Medeiros Oliveira.

³ No período em que fui bolsista, a Coordenadora do PIBID era a professora Dra. Lúcia Helena Moreira de Medeiros Oliveira.

docentes, contribuindo para e justificando insucessos de escolarização, assim como produção de rótulos em muitos/as educandos/as.

Com base nessas justificativas, esta pesquisa contribuiu para a formação acadêmica da autora, principalmente na prática escolar, uma vez que o estudo proporcionou maior compreensão e aquisição de conhecimentos sobre o assunto analisado.

Com base no exposto, o objetivo principal desta pesquisa é compreender se há diferenças entre dificuldade e transtorno de aprendizagem, e quais são elas. Os objetivos específicos são: destacar a importância de se obter conhecimentos a respeito das diferenças entre dificuldades e transtorno de aprendizagem; contribuir com mais pesquisas a respeito desta temática; levantar quais são as áreas do conhecimento que tratam como mais incidência sobre tal assunto, de acordo com as referências consultadas.

Nesse sentido, o que se pretende responder é: Quais são, caso existam, as diferenças conceituais entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem, de acordo com o referencial adotado? Que áreas do conhecimento tratam sobre essa diferenciação e contribuem para a construção de distinções entre elas? A partir dessas questões, propõe-se refletir e compreender sobre tal temática em busca de possibilidades para intervenções e projetos futuros que colaborem com as instituições escolares.

A pesquisa é de abordagem quali-quantitativa, tendo em vista a metodologia adotada para a realização deste trabalho.

Nas pesquisas documentais de cunho quantitativo, sobretudo naquelas que utilizam processamento eletrônico, os dados são organizados em tabelas e permitem o teste das hipóteses estatísticas. Dessa forma, a ordenação lógica do trabalho fica facilitada e pode-se partir facilmente para a redação do relatório. Já nas pesquisas de cunho qualitativo, sobretudo naquelas em que não se dispõe previamente de um modelo teórico de análise, costuma-se verificar um vaivém entre observação, reflexão e interpretação à medida que a análise progride, o que faz com que a ordenação lógica do trabalho torne-se significativamente mais complexa, retardando a redação do relatório. (GIL, 2002, p.90).

Desse modo, este tipo de pesquisa contribuiu para a construção deste trabalho de modo a organizar o processo de análise de dados, possibilitando aprofundamento sobre

a temática estudada, levando em consideração os diferentes pontos de vista dos/as autores/as lidos/as, bem como a identificação do número de trabalhos selecionados.

Tendo em vista essas considerações, foi realizado um levantamento bibliográfico, por meio de artigos, teses, monografias e dissertações que tratam sobre a temática a ser pesquisada, selecionados no *Scielo* e *Google acadêmico*, com base nas seguintes palavras chaves: dificuldades de aprendizagem e transtorno de aprendizagem. Utilizaram-se as publicações a partir de 2000 em diante como critério de seleção, pois durante esse período intensificaram-se os debates e práticas quanto ao diagnóstico de estudantes, tendo em vista o movimento de inclusão.

O referencial teórico selecionado se constitui de: Barbosa (2015), Correia e Martins (2005), Cortez e Faria (2011), Cunha (2006), Feitosa e Nunes (2012), Franceschini *et al.* (2015), Germano e Capellini (2011), Massi (2004), Souza (2015a), Peretti (2009), Rodrigues (2009), Santos (2015), Smith e Strick (2001). Após a seleção bibliográfica, realizaram-se fichamentos e análises do material lido, agrupando-os em quadros para melhor compreensão, identificando-se o ano de publicação do trabalho, o nome do/a autor/a, a área do conhecimento da pesquisa e o tipo de publicação.

Para a apresentação e organização deste trabalho, este foi estruturado em três partes, excetuando-se a Introdução. A Seção II, “Apresentação das fontes/textos encontrados”, subdividiu-se na análise dos trabalhos referentes à dificuldade de aprendizagem e transtorno de aprendizagem. Posteriormente, identificaram-se as diferenças entre estes, sendo possível verificar que o primeiro se caracteriza por ser de ordem orgânica, intrínseca, mas também emocional e ambiental. O segundo termo, entretanto, destaca-se por ser de ordem neurológica, vinculada a grupos de desordens que impactam a maneira como o/a estudante aprende matemática, leitura e escrita. E, por fim, apresentam-se as considerações finais, nas quais apresentou-se uma síntese dos resultados obtidos.

2 Apresentação das fontes/textos encontrados

Para a realização desta pesquisa bibliográfica, utilizou-se o *site Google Acadêmico* e a base de dados *Scielo*, sugeridos pela professora orientadora deste TCC. A pesquisa foi fundamentada nas palavras-chave: transtorno de aprendizagem e dificuldade de aprendizagem.

Ao longo da busca, constatou-se a existência de um número significativo de textos referentes ao tema escolhido. Na totalidade, sem utilizar esse filtro, encontraram-se aproximadamente 554.000 mil resultados para a pesquisa sobre as palavras-chave dificuldades de aprendizagens, entre textos, revistas, livros em PDF etc.; e cerca de 92.300 mil resultados para transtorno de aprendizagem.

Por isso, estipulou-se como critério, os trabalhos mais recentes, das pesquisas realizadas nas primeiras décadas do século XXI, nas quais se acirraram os debates escolares e as pesquisas teóricas sobre inclusão, diagnóstico de transtornos, identificação de dificuldades, com o intuito de evidenciar as características, as incapacidades e potencialidades dos/as discentes. Com base nesse critério, selecionou-se previamente cerca de 30 textos na base de dados *Scielo* e 45 no *Google acadêmico*. Após a leitura dos resumos, foram selecionados 20 trabalhos, para o estudo final e construção deste texto: 2 Livros, 2 Teses, 1 Dissertação, 4 Monografias, 10 Artigos e 1 Trabalho Acadêmico, 10 que se referiam à dificuldade e 10 à transtorno de aprendizagem, circunscritos ao período de 2001 a 2016.

Para sistematizar as informações sobre os textos encontrados, criou-se o Quadro 1 que contém o título do trabalho, o nome dos/as autores/as, a área de conhecimento, o ano e o tipo de publicação.

Quadro 1 – Sistematização dos trabalhos encontrados

Textos	Autores/as	Área do conhecimento	Ano de publicação	Tipo de publicação
Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e Educadores	SMITH, Corinne; STRICK, Lisa	Psicologia Educacional	2001	Livro
A outra face da dislexia	MASSI, Giselle Aparecida de Athayde	Ciências humanas	2004	Tese
Dificuldade de aprendizagem: Que são? Como entendê-las?	CORREIA, Miranda de Luís; MARTINS, Ana Paula.	Psicologia da educação	2005	Livro
Instrumentos para avaliação da leitura e escrita: estudos de validade	CUNHA, Neide de Brito	Psicologia	2006	Tese
Repensando os distúrbios de aprendizagem a partir da psicologia histórico-cultural	TULESKI, Silvana Calvo; EIDT, Nadia Mara	Psicologia	2007	Artigo
Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental e ações psico & pedagógicas	KAUARK, Fabiana da Silva; SILVA, Almeida dos Santos.	Psicopedagogia	2008	Artigo
Discalculia – transtorno de aprendizagem	PERETTI, Lisiane.	Matemática	2009	Monografia
Dificuldades de Aprendizagem ou dificuldades escolares? Um estudo sobre a visão dos professores	RODRIGUES, Zuleide Blanco.	Pedagogia	2009	Dissertação
Distúrbios de Aprendizagem e os Desafios da Educação Escolar	CORTEZ, Renata Veloso de Moraes; FARIA, Moacir Alves de	Ciência Educacional	2011	Artigo
Desempenho de escolares com dislexia, transtornos e dificuldades de aprendizagem em provas de habilidades metafonológicas (PROHFON)	GERMANO, Giseli Donadon; CAPELLINI, Simone Aparecida	Ciências Humanas	2011	Artigo
Aprendizagem: as dificuldades em foco	FEITOSA, Aline Yasnara Soares; NUNES; Jordana Alves.	Pedagogia	2012	Artigo
Dificuldades de aprendizagem: concepções e problemáticas contemporâneas	SANTOS, Larissa Batista Carvalho; PEREIRA, Mônica Pereira Reis Amarante Dória	Psicologia	2012	Artigo
A atuação do psicopedagogo com crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): intervenção necessária para pais e educadores	CORREIA, Aparecida da Paixão; LINHARES, Tatiana Corrêa	Psicopedagogia	2014	Artigo

Continuação

Dificuldades de Aprendizagem no contexto escolar: perspectiva para sua compreensão e superação	BARBOSA, Mariana de Barros	Pedagogia	2015	Monografia
Há relação entre desenvolvimento psicomotor e dificuldade de aprendizagem? Estudo comparativo de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, dificuldade escolar e transtorno de aprendizagem	CARVALHO, Mariana Coelho; CIASCA, Sylvia Maria; RODRIGUES, Sônia das Dores	Psicopedagogia	2015	Artigo
Distúrbio de Aprendizagem: Disgrafia, dislexia e Discalculia	FRANCESCHINI, Belinda Talarico <i>et al.</i>	Educação Especial	2015	Artigo
Dificuldades de Aprendizagem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental	SANTOS, Euzila Pereira dos.	Pedagogia	2015	Monografia
Disgrafia: causas e estratégias de correção no ensino/aprendizagem	SOUZA, Aniuza Magalhães Pereira de Souza.	Ciências Humanas Português	2015	Monografia
Dislalia na Escola	SOUZA, Mariana Castro de.	Psicologia da educação	2015	Trabalho Acadêmico
A Disortografia como dificuldade de aprendizagem específica	PENTEADO, Jovana de Oliveira Amorim; PADIAR, Gláucia Roberta.	Pedagogia	2016	Artigo

Fonte: Dados organizados pela autora (2018).

O Quadro 1 apresenta os textos escolhidos, publicados entre 2001 e 2016, seguindo a ordem crescente. Identifica-se que os trabalhos mais recorrentes se concentram na área da Psicologia (3) / Psicologia da Educação (3), perfazendo 6 trabalhos. Em seguida, destaca-se a Pedagogia com 5 trabalhos. No diálogo entre as duas áreas, há 3 artigos relacionados à Psicopedagogia. Desse modo, esses campos do conhecimento constituem juntos quase 2/3 do referencial lido.

Os estudos da Psicologia e Psicologia da Educação contribuíram com informações a respeito de desenvolvimento, aprendizagem e comportamento, dentre outros. Os trabalhos foram desenvolvidos em parceria com outros profissionais, como educadores, com o intuito de atender os estudantes em suas necessidades educacionais de maneira mais eficaz. Já a área da Pedagogia, como ciência da educação, remete a questões educacionais, por meio da *práxis*⁴, tratando sobre a transformação social dos indivíduos no processo de ensino e aprendizagem.

Os textos, como já foi dito, têm, em sua maioria, áreas afins, mas há outras, como Ciências Humanas (2). Ao analisar o quantitativo de trabalhos e os campos de pesquisa verifica-se que há mais aproximações do que discordâncias, uma vez que abordam assuntos relativos à educação, tratando sobre questões emocionais, ambientais, afetivas e neurológicas que estão presentes em relação às dificuldades e aos distúrbios de aprendizagem que algumas crianças parecem apresentar ao ingressar na escola.

Tais publicações foram essenciais para este trabalho, uma vez que os referenciais teóricos são fontes de dados que enriquecem o trabalho, fazendo com que este não se subsidie em senso comum. As obras lidas são produções de conhecimento que fundamentam diversos textos acadêmicos. Nesse sentido, a seleção de textos efetuada se respaldou em autores que tratam de assuntos específicos, e defendem posicionamentos que enriqueceram a construção deste texto.

Para melhor identificação do estudo realizado, nos tópicos a seguir, será tratado sobre o que os referenciais quanto à dificuldade e transtorno de aprendizagem, sendo possível identificar suas diferenças e convergências. Na seção 3.1, será conceituado dificuldade de aprendizagem, quais as causas e possíveis ações para reverter os impedimentos em aprender. Em seguida, será discutido sobre o que é transtorno de aprendizagem.

⁴ “A *práxis* não é a ação cega desprovida de intenção ou de finalidade. É ação e reflexão.” (FREIRE, 1987, p. 133)

3 Análise das fontes/textos encontrados

3.1 Dificuldade de aprendizagem: Contribuições dos/as autores/as analisados/as

Esta seção visa discutir sobre dificuldade de aprendizagem na perspectiva dos autores Barbosa (2015), Correia e Martins (2005), Cortez e Faria (2011), Feitosa e Nunes (2012), Santos (2015), Smith e Strick (2001), que contribuíram para o entendimento sobre o assunto. O principal objetivo é compreender o conceito e os fatores/motivos que ocasionam as dificuldades de aprendizagem, frequentes nos espaços escolares, a partir do referencial lido.

A dificuldade de aprendizagem geralmente está relacionada a vários fatores que podem influenciar de maneira negativa o processo de aprendizagem de um/a ou vários/as estudantes. Dentre esses fatores relacionais, “[...] para além dos fatores neurológicos, abarcando também fatores psicológicos, biológicos e ambientais.” (BARBOSA, 2015, p.14). Nesse sentido, constata-se que a dificuldade advém de diversos aspectos, cada um com suas peculiaridades, e que podem influenciar significativamente o desempenho escolar do/a discente.

Porém, destaca-se que “a aprendizagem não depende apenas desses fatores, outros aspectos como os estímulos que serão oferecidos a criança e o ambiente em que esta vive também são determinantes para seu desenvolvimento e aprendizagem.” (BARBOSA, 2015, p.14). Entende-se que o papel do/a professor/a é crucial para o desenvolvimento e rendimento escolar de cada criança, cabendo a ele/a mediar o processo ensino-aprendizagem, conforme a problemática encontrada. Nesse sentido, os/as educandos/as devem ser observados/as por seus/suas docentes à medida que apresentarem algum sinal de dificuldade.

Segundo Smith e Strick (2001, p. 15),

[...] O termo dificuldades de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. Raramente, elas podem ser atribuídas a uma única causa: muitos aspectos diferentes podem prejudicar o funcionamento cerebral, e os problemas psicológicos dessas crianças frequentemente são complicados, até certo ponto, por seus ambientes doméstico e escolar. As dificuldades de aprendizagem podem ser divididas em tipos gerais, mas uma vez que, com frequência, ocorrem em combinações – e também variam imensamente em gravidade -, pode

ser muito difícil perceber o que os estudantes agrupados sob esse rótulo têm em comum.

Nesse sentido, a dificuldade de aprendizagem é circundada por muitos motivos, responsáveis em desenvolver impedimentos no campo escolar, não se constituindo isoladamente. Para tais autores, as dificuldades são oriundas de distúrbios variados, ou seja, de desordens que influenciam o sistema cerebral dos alunos. Porém, será mesmo que as dificuldades de aprendizagens são decorrentes de problemas mentais ou há outros requisitos que influenciam o processo de aprender? Identifica-se na citação dos/as autores/as que não há distinção entre dificuldade e distúrbio. Além disso, há várias causas que a acompanham e podem se tornar imperceptíveis aos olhos do/a educador/a, principalmente quando este/a não tem conhecimento do assunto. Por isso, existem alguns estudos na área da psicologia da educação que buscam compreender as causas e os fatores que ocasionam as dificuldades de aprendizagem, principalmente para o auxílio aos/às professores/as no processo educativo quanto à sua prática exercida em sala de aula.

Não há especificamente um momento certo para que as dificuldades de aprendizagem se manifestem, pois elas podem aparecer em qualquer momento da vida e em qualquer discente. Todos os/as estudantes em idade escolar estão sujeitos/as a terem dificuldades nos processos educativos, em algum momento da vida acadêmica. De acordo com Feitosa e Nunes (2012, p. 5),

Ao discutirmos as dificuldades de aprendizagem, percebemos que não existe uma conceituação específica e pronta para tal tema, mas que diante de muitos estudos no âmbito geral são situações que impedem o indivíduo de aprender em virtude de termos fisiológicos por questões neurológicas; socioambientais que envolvam o sistema educacional e familiar e desenvolvimentista afetando o desenvolvimento.

Na visão dos autores, as dificuldades de aprendizagem correspondem a questões fisiológicas, neurológicas e socioambientais dos alunos, comprometendo o rendimento escolar, a capacidade de superar etapas no tempo previsto, tornando o aprendizado tardio. As questões fisiológicas defendidas por estes/as destacam que tais dificuldades se relacionam ao funcionamento orgânico do corpo de cada indivíduo. Com isso, surgem indagações: O corpo da criança é fruto apenas do aspecto biológico? Ou esse corpo sofre alterações decorrentes de outros fatores que não apenas fisiológicas?

As dificuldades ocorrem principalmente em crianças no início da pré-escola, no período em que passam a estabelecer seus primeiros contatos com o/a professor/a e com outras crianças da mesma idade. Em seguida, estende-se ao ingressar no ensino fundamental I, quando os conteúdos começam a ficar mais complexos. E, desse modo, a necessidade de acompanhamento docente se torna primordial. De acordo com Correia e Martins (2005, p. 11),

A identificação da DA deve ser feita o mais precocemente possível, contribuindo para este facto uma observação cuidada dos comportamentos da criança. Assim, os profissionais (principalmente os educadores e professores) e os pais devem estar atentos a um conjunto de sinais, que a criança exiba, contínua e frequentemente, uma vez que não existem indicadores isolados para a identificação das DA.

Com base na citação, as dificuldades de aprendizagem (DA) devem ser reconhecidas o mais brevemente. Isso possibilitará maior entendimento sobre as dificuldades que algumas crianças possuem, conforme os sinais apresentados inicialmente. Segundo Correia e Martins (2005, p. 13), os sinais que aparecem com mais frequência são “problemas na linguagem, memória, atenção, motricidade fina e outras funções que envolvem a aquisição de direita ou esquerda e noção de tempo”. Estes sinais se manifestam na escola, no âmbito familiar em que as crianças vivem e até mesmo em outros locais de socialização, cultura e lazer.

Pensando em características que podem indicar possíveis dificuldades, necessita-se de um olhar mais aguçado por parte dos/as educadores/as e até mesmo das famílias das crianças, com relação às dificuldades que vão se manifestando ao longo do período escolar. Para Feitosa e Nunes (2012, p. 6),

As dificuldades de aprendizagem se apresentam na escrita, na leitura, no cálculo, na ortografia, no raciocínio dentre outros aspectos que fazem parte da vida escolar e são inerentes aos alunos já que elas se acentuam durante a vida escolar ou por desenvolvimento (a criança já nasce com esse problema) ou adquirem durante algum momento da vida (acidentes, AVC).

Por isso, é importante que os/as professores/as conheçam as potencialidades e as dificuldades dos/as discentes, identificando aqueles/as que não conseguem acompanhar o rendimento da sala de aula. Assim, pode-se constatar que há algum tipo de problema relacionado à aprendizagem, ou então, apenas o desenvolvimento desses/as estudantes

pode ser diferente dos demais. Por isso, é preciso compreender que os/as educandos/as apresentam diferenças na aquisição da aprendizagem, visto as distinções entre eles/as. As crianças não aprendem da mesma forma, muito menos no tempo previsto por alguns/algumas docentes.

Entende-se assim, que o conhecimento vai sendo construído no decorrer da vida de cada ser, desde a infância e se estende até a velhice. Ele se constrói nas relações sociais, no contato com o outro, nas experiências do dia a dia, uma vez que não se dá apenas no âmbito escolar e tão pouco isoladamente. Ele ocorre em ações formais, sobretudo em relação aos saberes escolares, assim como de modo formal e informal nas vivências.

Às vezes, a origem das dificuldades de aprendizagem nas crianças não é apenas de cunho psicológico, social, cognitivo ou afetivo. A metodologia adotada pelo/a docente pode também interferir no rendimento escolar, ainda mais se não forem adequadas para lidar com a heterogeneidade de estudantes e suas múltiplas culturas. Em relação ao aspecto metodológico, o/a professor/a deve elaborar estratégias de ensino e intervenções apropriadas que favoreçam o desenvolvimento dos/as discentes com as dificuldades já identificadas. As aulas devem estimular o desempenho do/a aluno/a e suas habilidades, assim como promover momentos significativos de aprendizagem.

Os métodos de ensino, quando não planejados de maneira objetiva, podem provocar danos aos alunos, retardando o seu desempenho escolar e provocando sensação de incapacidade. Eles/as acabam por se culpabilizar pelo fracasso e insucesso escolar, quando na verdade o método utilizado pelo/a docente pode ser o principal responsável pelo agravamento das dificuldades. Estas, ao serem evidenciadas, devem ser trabalhadas com estratégias pedagógicas estimulantes, que beneficiem os/as discentes.

Conforme Santos (2015, p. 19),

A Dificuldade de Aprendizagem é um problema que afeta muitos alunos e tem-se manifestado em todo ambiente educacional, quando essas dificuldades não são identificadas pelos educadores tornam-se um peso na vida escolar da criança. Uma vez que a dificuldade não é diagnosticada a criança é rotulada por algum tipo de adjetivo negativo como: “lerda”, “preguiçosa”, entre outros.

Desta maneira, entende-se que o desempenho escolar das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem pode ser inferior quando aliada a um contexto

social pouco estimulante e motivador. Por isso, não se deve criar rótulos desnecessários e que impactam a autoestima destas, uma vez que esse desempenho pode variar de criança para criança, e essas variações podem ser minimizadas, e até mesmo superadas, no decorrer do tempo em que ela permanecer na escola. Sobretudo, ao obter acompanhamento pedagógico e psicológico constantes. De acordo com Cortez e Faria (2011, p. 7),

O professor/educador vai precisar do apoio dos demais profissionais envolvidos, para diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, pois somente conhecendo o ser humano em sua natureza própria, nas relações entre seus membros constitutivos e o mundo, é que se pode conseguir uma aproximação com a criança.

Desse modo, o diagnóstico de dificuldade de aprendizagem só poderá ser adquirido com auxílio da escola, da família e demais profissionais que nela atuam. Nesse sentido, compreende-se que os/as integrantes que compõem a gestão, coordenação e corpo docente e pedagógico de uma instituição de ensino têm papel imprescindível nesse processo.

A escola deve ser, além de um ambiente acolhedor, um espaço democrático de inclusão social, respeito ao diverso, às diferentes culturas e etnias, promovendo aprendizagens variadas e socialização entre os/as sujeitos/as, principalmente quanto ao desenvolvimento intelectual. Por isso, o contato do/a docente com as famílias proporciona reconhecimento do mundo que o/a aluno/a vivencia, podendo interferir no aprendizado deste/a. Assim, estreitam-se os vínculos do/a estudante com o/a professor/a, construindo uma relação que, provavelmente, facilitará a aprendizagem.

A superação das dificuldades pelo/a discente, depende, em alguns aspectos, do papel que este/a exerce em sala de aula, na sua forma de mediar a construção do conhecimento e quais procedimentos utiliza em sua prática pedagógica. “As atitudes e maneiras que o professor estabelece no modo de lidar e agir com os alunos que possuem dificuldades irão determinar a relação que o aluno estabelecerá não só com o conhecimento, mas também com o professor”. (BARBOSA, 2015, p. 28). Assim, a interação do/a docente com o/a educando/a que possui dificuldade de aprendizagem, demonstrando a ele/a que acredita em seu potencial e desenvolvimento, favorecerá a aquisição de segurança e aumento da autoestima por parte do/a discente.

Principalmente, o que se deve levar em consideração é se estes/as professores/as têm conhecimento para lidar com as dificuldades de aprendizagem no campo escolar, se possuem entendimento do assunto para modificar e adequar sua prática à realidade. “O modo de agir do professor perante as dificuldades do aluno também irá determinar a maneira como os outros alunos irão interagir e enxergar os alunos que possuem dificuldades.” (BARBOSA, 2015, p. 28). Por isso, a postura profissional do/a docente é importante, para que não haja a estigmatização, tanto de estudantes sem dificuldades para com aqueles/as que a apresentam, assim como do/a professor/a para com o/a aluno/a. O/A docente, enquanto mediador/a, tem a função de construir laços afetivos com seus/suas discentes, pois possui um papel decisivo na aprendizagem destes/as. Um olhar, um gesto ou uma fala imprópria pode destruir sonhos, desejos e crescimento intelectual de um/uma educando/a.

Os/As alunos/as com dificuldades necessitam ser vistos/as como sujeitos/as capazes de se superarem e, principalmente, vencerem não só os obstáculos escolares que as dificuldades ocasionam, mas também os problemas cotidianos e futuros. Por isso, o/a professor/a deve ter consciência da importância que exerce na vida de um/a estudante em sala de aula. Ele/a precisa promover socialização e contato mais direto com seus/suas estudantes. Seu papel também deve se basear em problematizar o contexto encontrado em sala de aula e, por meio deste, refletir e intervir, tendo em vista seus objetivos. Conhecer sobre dificuldade de aprendizagem é muito importante nesse sentido.

Não é tarefa fácil compreender tal temática; porém, ao conhecer sobre o assunto, o/a docente pode aperfeiçoar sua prática. Este ponto é essencial para que, no processo de ensino- aprendizagem, haja mais reflexões e intencionalidades a cada metodologia elaborada e utilizada em sala de aula. De acordo com Santos (2015, p. 24),

Diante dos vários fatores que interferem na aprendizagem dos alunos provavelmente, o mais agravante pode ser o pedagógico, pois a dificuldade de aprendizagem somente será superada total ou parcialmente quando os alunos receberem estímulos e quando os professores trabalharem com propostas pedagógicas correspondentes à necessidade de cada aluno respeitando o seu ritmo de aprender e assimilar o conhecimento.

Por meio do aperfeiçoamento da prática em sala de aula, aquelas crianças cujas dificuldades vão se intensificando a cada etapa escolar, poderão encontrar em seus/suas

educadores/as uma atenção especial. Pois, quanto mais houver profissionais qualificados/as, comprometidos/as e com propriedade no assunto, mais auxiliarão no desenvolvimento das crianças na escola.

O processo de aprendizagem apresenta obstáculos também, segundo os/as autores/as consultados/as, por falta de interesse do/a estudante, distanciamento dos/as colegas de sala, sensação de impotência, os quais precisam de monitoramento e acompanhamento para que sejam detectados. Por isso, ao tratar sobre dificuldades de aprendizagem, deve-se identificar todo o contexto que as circunda, pois abrange muitas questões que interferem no ato de aprender.

De acordo com a Associação Brasileira de Psicopedagogia, no ano de 2014,

[...] as dificuldades de aprendizagem atingem cerca de 5% da população escolar, costumeiramente frustram pais e professores, mas a maior frustração é sentida pelos próprios estudantes. As dificuldades de aprendizagem exigem um cuidado minucioso, já que nem sempre são fáceis de serem identificadas. Na maioria das vezes, elas são sutis e muitas crianças com dificuldades de aprendizagem têm inteligência normal. (BRASIL, 2014).

Conforme o percentual mencionado, percebe-se que essa taxa representa uma pequena parcela de alunos/as que estudantes que efetivamente são diagnosticados/as com dificuldades de aprendizagem, uma vez que a inteligência não sofre comprometimentos. Essa taxa poderá crescer no decorrer dos anos, pela incompreensão sobre o assunto, que impossibilita detectar a origem e o que acarretam essas dificuldades.

Estas podem se manifestar em qualquer ambiente e em situações diversas, pois não se circunscrevem aos muros escolares. Por isso, se diferenciam de questões escolares, como o transtorno de aprendizagem, que será discutido na próxima seção.

3.2 Transtorno de aprendizagem: O que os referenciais bibliográficos revelam

Para tratar dessa discussão, subsidiou-se em Cunha (2006), Franceschini *et al.* (2015), Germano e Capellini (2011), Massi (2004), Souza (2015a), Peretti (2009) e Rodrigues (2009).

De acordo com Rodrigues (2009, p. 38),

O termo ‘transtorno’, segundo os elaboradores dessa classificação, é usado de forma a ser diferenciado dos termos ‘doença’ ou ‘enfermidades’, escolhido, não por ser necessariamente exato, porém usado para indicar a existência de um grupo de sintomas ou comportamentos reconhecíveis clinicamente.

Para tal autor, o termo transtorno não pode ser comparado como uma doença neurológica. Apesar de tal termo indicar a existência de recorrências médicas não pode ser tratado como doença gravíssima, pois é inerente a quem possui.

Nesse sentido, as características relacionadas aos transtornos, muitas vezes podem ser interpretadas pelos/as profissionais de diferentes formas, devido ao comportamento que cada discente pode apresentar. Há diversos fatores que podem acarretar transtornos de aprendizagem; por isso devem ser averiguados quando os/as estudantes apresentam comportamentos agressivos ou com alguma outra característica que merece ser analisada, que traga impedimentos no processo de aprendizagem.

De acordo com Germano e Capellini (2011, p. 136),

Os transtornos de aprendizagem, também denominados distúrbios de aprendizagem, consistem em uma variada gama de manifestações, como transtornos de audição, fala, leitura, escrita e matemática, sendo o tipo mais prevalente dos diagnósticos de aprendizagem.

Nesse sentido, todo transtorno/distúrbio deve ser identificado com a ajuda dos/as educadores/as, junto com uma equipe multiprofissional, visto que podem afetar a parte cognitiva dos/as educandos/as, influenciando em seu modo de aprender. Os transtornos de aprendizagem são também identificados por causas genéticas que afetam o sistema neurológico dos indivíduos⁵.

Eles são distúrbios cerebrais que atingem o sistema nervoso e afetam o comportamento em relação à aprendizagem e até mesmo no convívio social. De origem biológica, carregam consigo a hereditariedade de caráter orgânico, que afeta o processamento de dados do ambiente. Essa habilidade é importante para adquirir

⁵ De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-5 (2014), “o transtorno específico da aprendizagem é um transtorno do neurodesenvolvimento com uma origem biológica que é a base das anormalidades no nível cognitivo as quais são associadas com as manifestações comportamentais. A origem biológica inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão.” (APA, 2014, p. 68)

informações necessárias ao desenvolvimento cognitivo, comprometendo o rendimento escolar do/a discente. Conforme Franceschini e outros autores (2015, p. 99),

[...] Os Distúrbios de Aprendizagem estão dentro da categoria de Transtornos do desenvolvimento psicológico, mais especificamente, como Transtornos Específicos do Desenvolvimento das Habilidades Escolares e dentro dessa categoria estão a dislexia, a disgrafia, a discalculia e a dificuldade em soletração.

Portanto, estes são subdivididos em grupos diferentes, mas de modo geral, influenciam o modo como o/a discente se comunica com cada área do conhecimento. Os mais comuns relacionados ao âmbito escolar são: Discalculia, Dislexia, Disgrafia, Dislalia e Disortografia que dificultam a aquisição de conhecimentos, caso não sejam identificados.

O transtorno de aprendizagem se apresenta de modo diferente como, por exemplo, na matemática, denominado Discalculia. Este “[...] é um problema causado por má formação neurológica, que se manifesta como uma dificuldade da criança em realizar operações matemáticas, classificar números e colocá-los em sequência.” (PERETTI, 2009, p. 17). Ele pode-se apresentar tanto nas escolas, como nas atividades diárias do/a professor/a, ou em outros ambientes nos quais a criança lida com conteúdos matemáticos.

Os/As educandos/as que possuem discalculia não conseguem com facilidade fazer associações do conhecimento matemático adquirido no âmbito escolar com a matemática domiciliar, encontrada na receita alimentícia, objetos, dinheiro etc. “Na pré-escola, já é possível notar algum sinal de transtorno, quando a criança apresenta dificuldade em responder às relações matemáticas propostas - como igual e diferente, pequeno e grande.” (PERETTI, 2009, p. 19). De acordo com o autor, a discalculia demonstra suas primeiras evidências assim que os cálculos matemáticos passam a fazer parte da rotina escolar do/a aluno/a. Porém, com o passar do tempo, as características poderão ou não se evidenciar, necessitando de acompanhamento por parte do/a professor/a.

Há também o transtorno de aprendizagem que envolve a língua escrita, denominado de dislexia. [...] “A dislexia tem sido tradicionalmente divulgada pela literatura nacional e internacional como um distúrbio de aprendizagem manifestado por um conjunto de alterações "patológicas" que se evidenciam na aprendizagem/uso da

escrita.” (MASSI, 2004, p. 9). Ela se apresenta como um distúrbio neurológico que afeta os sentidos, dificultando a aprendizagem do domínio da língua escrita e identificação das palavras.

“O reconhecimento das palavras desempenha um papel central no desenvolvimento da habilidade de leitura, pois aprender a reconhecer palavras é a principal tarefa do leitor iniciante.” (CUNHA, 2006, p. 98). Sendo assim, essa distinção vocabular é um pontapé inicial para a aprendizagem da leitura, que se torna lenta e demorada pelo/a discente que apresenta sinais de dislexia. Esta compromete a fala e o processo de aprender a ler, fazendo com que a criança fique inibida em sala quando os exercícios requerem treino de leitura como reforço da linguagem falada. Por isso, a didática utilizada pelo/a professor/a é muito importante; principalmente se forem pensadas e adequadas à situação que cada educando/a apresenta, estimulando seu potencial para aprender.

Outro transtorno de aprendizagem é a disgrafia se apresenta como um dos três principais distúrbios. Para Souza (2015a, p. 13),

Disgrafia é o distúrbio da palavra escrita que se caracteriza por uma leve incordenação motora, apresentando a mesma letra com movimentos diferentes e escrita confusa, sendo assim chamada de letra feia. Isso acontece devido a uma incapacidade de recordar a grafia da letra. Ao tentar recordar este grafismo escreve muito lentamente o que acaba unindo inadequadamente as letras, tornando a letra ilegível.

De acordo com a citação, a disgrafia nada mais é do que a desordem da caligrafia, uma vez que quem tem esse transtorno comete erros ortográficos frequentes e na evolução dos traços, tornando as palavras incompreensíveis para o leitor. Ela “[...] não está associada a nenhum tipo de comprometimento intelectual.” (SOUZA, 2015a, p. 13). Sendo assim, ela não se relaciona ao intelecto das crianças, pois estas possuem capacidade para aprender como as demais na sala de aula. O que diferencia são os estímulos que lhes são oferecidos para que tenham condições de vencer os desafios escolares.

Destaca-se que, “até as três primeiras séries é normal que as crianças façam confusões ortográficas, pois os sons e palavras impostas ainda não são dominados por elas.” (SOUZA, 2015a, p. 13). Dessa forma, toda criança pode apresentar sinais de problemas na escrita que, com as fases de desenvolvimento, e com o auxílio dos/as

educadores/as e o estímulo à motricidade fina, pode superá-las, o que não pode ser confundido com disgrafia.

Outro transtorno é a dislalia. Ela é responsável por prejudicar a fala, fazendo com que a criança cometa erros na ordem das letras de uma palavra, e o som emitido se modifique. Ela “[...] é um distúrbio de articulação comumente observada na sociedade, que consiste na dificuldade de pronunciar determinados sons, podendo interferir também no aprendizado da escrita.” (SOUZA, 2015b, p. 6). Desse modo, as crianças com esse distúrbio possuem dificuldades na emissão das palavras quando trocam letras na hora de pronunciar os vocábulos.

Assim como na fala, a escrita também pode ser afetada, pois a criança escreve conforme verbaliza. “É característico da dislalia o erro de pronúncia, podendo ocorrer omissão, substituição, distorção ou acréscimo de sons às palavras.” (SOUZA, 2015b, p. 7). As trocas acontecem com frequência entre 4 e 6 anos quando iniciam a aprendizagem escolar. Por isso, é de suma importância que haja professores/as e uma equipe qualificada para lidar com tal transtorno, juntamente com o apoio familiar, auxiliando no processo de aperfeiçoamento da fala e da escrita.

O último dos transtornos a ser tratado neste texto é a disortografia. Ela afeta a forma ortográfica com que se escreve a letra ou palavra, deixando seu aspecto incompreensível aos/às leitores/as, por apresentar muitos erros, confundindo-se tal característica, em alguns momentos, com a dislexia, “[...] porém são distintas, uma vez que a criança com dislexia geralmente é disortográfica, enquanto que, a disortográfica nem sempre é dislética.” (PENTEADO; PADIAR, 2016, p. 2). Conforme o exposto, disortografia e dislexia são transtornos diferentes, porém têm algumas características parecidas. Ambos estão ligados à alteração da leitura, soletração e ortografia. Para Penteado e Padiar (2016, p. 5),

[...] A Disortografia distingue-se por ser classificada como um transtorno específico da escrita segundo a Associação Psiquiátrica Americana (2000), em que ocorre uma planificação da linguagem escrita, causadora de transtornos na aprendizagem da ortografia, gramática e redação, apesar do potencial intelectual e a escolaridade do indivíduo estarem adequadas para a idade.

Nessa perspectiva, disortografia é a incapacidade do/a discente em ordenar a construção de palavras, frases e textos, dando sentido a elas/eles. Todo/a estudante com esse transtorno demonstra déficit em lidar com estruturas gramaticais da língua

portuguesa. Este “não é causad[o] pela má alfabetização, desatenção, desmotivação ou baixo nível intelectual, e sim de caráter hereditário é consequência de disfunções genéticas, apresentando ainda alterações de padrões neurológicos.” (PENTEADO; PADIAR, 2016, p. 5). Ou seja, ele é decorrente de fatores neurológicos que, por meio de acompanhamento promovido por profissionais da educação e saúde, poderão ser minimizados.

Caso a situação do/a discente seja mais grave, deve-se procura orientações com neurologistas, pediatras, fonoaudiólogos, dentre outros, para estabelecer diagnósticos, mas sem abrir mão dos/as profissionais da educação, com auxílio familiar para evolução/superação do quadro. As deficiências podem ser sanadas/minimizadas conforme intervenções considerem cada caso, visto que o papel do/a pedagogo/a deve passar pela conscientização e reflexão para exercício de uma práxis eficaz.

Todos os cinco transtornos mencionados anteriormente são os mais frequentes em sala de aula e podem acarretar prejuízos aos/às estudantes senão diagnosticados/as e, principalmente, se não houver acompanhamento dos/as professores e familiares. Destaca-se que, na maioria dos casos, as crianças que possuem esses tipos de transtornos têm a capacidade cognitiva muito além da esperada em outras situações que não consideram as habilidades específicas que têm impedimentos.

Os/As estudantes que apresentam características nas fases de desenvolvimento intelectual, que impedem a compreensão da leitura, escrita e exercícios, e envolvem o raciocínio lógico, devem ser diagnosticados por especialistas. De acordo com Rodrigues (2009, p. 48),

[...] Pode-se dizer que muitos dos encaminhamentos de crianças com problemas na aprendizagem escolar, que se constituem na incapacidade de aprender a ler, escrever e contar, são tidas como portadoras de distúrbios de aprendizagem, devido a patologias diversas, sem que, no entanto, fique evidenciada a presença de comprometimento motor, sensorial, emocional e cognitivo [...].

Para o autor, os transtornos/distúrbios de aprendizagem podem, em primeira instância, não apresentar sintomas claros que os identifiquem. Estes podem ocorrer devido às mazelas que algumas crianças sofrem, não significando comprometimento em seu modo de pensar, agir e sentir. Contudo, é necessário identificá-los com critério, tendo cuidado e atenção especial para cada caso específico, de modo a agir criteriosamente, de modo a beneficiar o/a discente.

Enquanto não houver diagnósticos claros do que realmente ocorre com crianças que apresentam indícios de transtorno de aprendizagem, a tarefa do/a professor/a será cada vez mais difícil, porém não impede que busquem formas para auxiliar o/a educando/a. “Em relação ao diagnóstico, torna-se primordial destacar que a avaliação deve ser realizada por uma equipe multiprofissional: médica, pedagógica, fonoaudiólogos e psicólogos.”. (FRANCESCHINI *et al.*, 2015, p. 101). Apesar dos diagnósticos serem importantes para esse processo, o/a docente não pode esperar que o transtorno seja sanado com a medicalização. Tratamentos farmacológicos podem não ser necessários em certos casos, tornando-se prejudicial à saúde do indivíduo.

Não se trata obviamente de criticar a medicação de doenças, nem de negar as bases biológicas do comportamento humano. O que se defende é uma firme contraposição em relação às tentativas de se transformar problemas de viver em sintomas de doenças ou de se explicar a subjetividade humana pela via estrita dos aspectos orgânicos. (MEIRA, 2012, p. 136).

Nesse sentido, não se defende uma generalização apressada em associar o não aprender a questões neurológicas, produzindo, em grande escala, uma epidemia de tratamentos muitas vezes nefastos. Muitas vezes, profissionais despreparados/as que se fundamentam em achismos, precipitando a medicalização dos/as estudantes, sem sequer conhecer procedimentos contrários aos farmacêuticos.

A medicalização constitui-se em um desdobramento inevitável do processo de patologização dos problemas educacionais que tem servido como justificativa para a manutenção da exclusão de grandes contingentes de crianças pobres que, embora permaneçam nas escolas por longos períodos de tempo, nunca chegam a se apropriar de fato dos conteúdos escolares. (MEIRA, 2012, p. 140).

Percebe-se que a medicalização contribui para a exclusão de crianças carentes, assim como coopera para a permanência em incapacita-las para aprender. Destaca-se também que a desigualdade social, de acordo com a autora, é muito presente quando se trata de diagnósticos precipitados. Por isso, é importante que os/as profissionais da educação se contraponham a esse posicionamento, sobretudo com atitudes que rompam com este paradigma.

A medicalização transfere o impedimento em aprender apenas para os/as estudantes. Estes/as passam por um processo de queixa escolar que esta relacionada à

aprendizagem. Esta requer, muitas vezes, em encaminhamento psicológico que deve ocorrer com auxílio da equipe escolar. “Psicólogos da rede pública de saúde, à procura de novos rumos no atendimento às queixas escolares, revelaram que tais queixas constituíam cerca de 75% de sua demanda infanto-juvenil.”. (SOUZA, 2006, p. 313). Desse modo, muitos/as estudantes do ensino fundamental apresentam queixas quanto à compreensão para aprender, destacando-se por serem de classe média baixa, oriundos/as de escolas públicas.

Nesse contexto, as escolas devem buscar parcerias e maneiras para que os percentuais de queixas escolares diminuam, por meio de um trabalho conjunto com a família. Além disso, essas instituições precisam refletir sobre todo e qualquer procedimento médico indicado aos/as discentes, pois há causas biológicas que não necessitem de medicação, apenas um trabalho mais eficaz por profissionais qualificados/as. A epidemia de diagnóstico e medicalização pode evidenciar a necessidade de mais cuidado das escolas em resolver os problemas escolares, assim como de profissionais da saúde em aviar fármacos desnecessários, pois não são todos os transtornos escolares que necessitam de procedimentos medicamentosos.

Com base no exposto, no tópico a seguir serão apontadas as diferenças entre dificuldade e transtorno de aprendizagem, pautando-se nos referenciais apresentados.

3.3 Diferenças entre Dificuldade e Transtorno de Aprendizagem

Nesta seção destacam-se alguns autores, dentre eles, Carvalho, Ciasca e Rodrigues (2015), Correa e Martins (2005), Cortez e Faria (2011), Franceschini *et al.* (2015), Kauark e Silva (2008), Santos (2015), Santos e Pereira (2012), Tuleski e Eid (2007).

Ao discutir sobre a diferenciação que envolve os termos dificuldade de aprendizagem e transtorno de aprendizagem, deve-se pensar nas dimensões em que o processo de aprendizagem se apresenta. Este não ocorre somente na escola, mas por meio do convívio com outras pessoas, com a família, pois é com esta que a criança realiza o primeiro contato com o meio social. (SANTOS, 2015, p. 28). As crianças, antes mesmo de ingressar nas instituições escolares, trazem consigo experiências cotidianas boas e também ruins, que se estendem ao longo da vida. Estas podem trazer consequências significativas, envolvendo o convívio entre família, sociedade e escola,

pois pode refletir no desempenho escolar da criança, tanto positiva quanto negativamente.

No ambiente escolar, alguns/algumas estudantes poderão apresentar dificuldades na realização de atividades consideradas simples pelo/a professor/a, que podem ir se agravando conforme transcorre o ano letivo, sem que deem sinais de evolução. Nesse contexto, podem surgir dúvidas por parte dos/as docentes sobre o que ocorre com os/as discentes que não conseguem aprender, apresentando possíveis dificuldades ou transtornos de aprendizagem. Por isso, é importante distingui-las, pois estas são diferentes e podem causar confusão se não houver conhecimento a respeito.

A dificuldade de aprendizagem pode ocorrer por vários fatores que impedem, em alguns momentos da vida de uma criança, que adquira conhecimentos. Dentre esses fatores, poderem-se citar as dificuldades no ato de escrever, ler, interpretar, associar, fazer cálculos matemáticos etc. De acordo com Santos (2015, p. 24),

[...] As dificuldades de aprendizagem podem ocorrer devido a fatores orgânicos, intrínsecos ao indivíduo e extrínsecos, ou seja, contextuais ou mesmo emocionais, bem como pela combinação destes, descobrir o problema o quanto antes, pode auxiliar o desenvolvimento no processo educativo da criança evitando prejuízos em sua aprendizagem.

Neste enfoque, o autor afirma que há vários motivos que envolvem o processo de dificuldade de aprendizagem, e estão são relacionados a fatores internos e externos, biológicos, afetivos, familiares que influenciam no rendimento escolar do/a aluno/a. “O termo dificuldade de aprendizagem aparece-nos em 1962 com o fim de situar esta problemática num contexto educacional, tentando, assim, retirar-lhe “o estigma clínico” que o caracterizava.” (CORREIA; MARTINS, 2005, p. 6). Ou seja, anteriormente, o termo dificuldade de aprendizagem era considerado apenas como um déficit intelectual que atingia, em grande proporção, crianças e jovens na idade escolar. Para os autores Cortez e Faria (2011, p. 7),

O estudo das dificuldades de aprendizagem constitui-se num campo amplo e complexo, envolvendo determinantes sociais, culturais, pedagógicos, psicológicos e médicos. Assim, torna-se necessário ter uma visão global do problema de aprendizagem para melhor avaliar e compreender os vários fatores envolvidos.

Conforme os autores, a dificuldade de aprendizagem não se restringe a apenas uma causa, necessitando de uma visão mais aguçada, compreendendo que a atuação

pedagógica contribui, mas também pode prejudicar o desempenho do/a discente, caso não seja detectado precocemente ou tenha diagnóstico inadequado.

Já o transtorno de aprendizagem está relacionado, de modo geral, a desordens que se relacionam para além do que se espera de um/a estudante e seu rendimento escolar. Em alguns casos, provoca alterações neurológicas que afetam a cognição, contribuindo para o insucesso escolar. “No referente ao transtorno de aprendizagem, as evidências mostram que se trata de um distúrbio do desenvolvimento, que afeta em torno de 5% a 15% da população escolar.” (CARVALHO; CIASCA; RODRIGUES, 2015, p. 295). Percebe-se que a porcentagem aponta indicadores significativos para que os/as educadores/as atentem para esse quantitativo que poderá crescer a longo prazo.

Quando se refere a transtorno/distúrbio de aprendizagem, destaca-se que este, de acordo com Tuleski e Eid (2007, p. 533),

[...] é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens, manifestadas por dificuldades na aquisição e no uso da audição, fala, escrita e raciocínio matemático. Essas desordens são intrínsecas ao indivíduo e presume-se serem uma disfunção de sistema nervoso central.

Neste viés, os distúrbios de aprendizagem são uma desorganização interna que envolvem habilidades correspondentes à compreensão da fala, escrita, raciocínio lógico que alguns indivíduos apresentam na hora de aprender. Estes problemas são alguns dos traços fundamentais para distinguir transtorno de dificuldade de aprendizagem.

Diante do exposto, faz necessário realizar avaliações e rever as metodologias para verificação das potencialidades e obstáculos que cada aluno/a possua, atentando para os sinais apresentados. Os/As professores/as devem contar com o auxílio dos familiares, assim como a parceria da escola que deve ser além de um ambiente acolhedor, de respeito ao diverso, às diferentes culturas e etnias, promovendo aprendizagens variadas e socialização entre os/as sujeitos/as e, principalmente, desenvolvimento intelectual.

Os/As discentes que apresentam indícios de dificuldade de aprendizagem ou transtorno não podem ser rotulados/as pela escola por falta de conhecimento. De acordo com Tuleski e Eid (2007, p. 534),

É bastante frequente, no meio educacional, o argumento de que os alunos seriam dotados de muita ou pouca inteligência e que já carregariam, ao

nascer, um conjunto de habilidades ou inabilidades que teriam quando se tornassem adultos, e nesta perspectiva, a função da educação escolar ficaria limitada a um meio de acelerar ou retardar a maturação natural.

A citação evidencia que os rótulos existem dentro do âmbito escolar ao afirmar que a inteligência seria resultado dos antecedentes familiares ou que a criança já carrega desde a infância o peso da capacidade intelectual ou a falta dela. A escola precisa efetivamente estimular as potencialidades que cada estudante possui, contribuindo com o processo de aprendizagem deste. Quando não há (re) conhecimento da instituição e dos profissionais da educação a respeito dos conceitos de dificuldade e transtorno de aprendizagem, o desempenho escolar dos/as discentes pode sofrer impacto significativo.

Por isso, “o processo de aprendizagem pode ser bastante simplificado, se todos (especialmente o aluno) entendem de forma clara quais são seus pontos fortes.” (SMITH; STRICK, 2001, p. 104). Ou seja, os/as estudantes devem conhecer suas potencialidades, saberem que são capazes de enfrentar as barreiras que lhes pareçam intransponíveis. Na escola, esse reconhecimento deverá ocorrer com estímulo do/a professor/a que, durante sua atuação em sala, tem o papel não só de ensinar, mas criar e estabelecer vínculos com os/as educandos/as. Quando este/a cria laços de cumplicidade com os/as estudantes que apresentam algum tipo de dificuldade ou transtorno, eles/as conseguem construir caminhos que facilitam a aprendizagem, por meio do estímulo a seu potencial e habilidades. Ressalta-se que, além dos/as discentes, a equipe escolar deve saber sobre as potencialidades destes/as, instigando-os/as.

Destaca-se ainda que, “O desenvolvimento individual das crianças também é maciçamente influenciado por sua família, pela escola e pelo ambiente da comunidade.” (SMITH; STRICK, 2001, p. 20). Por isso, o desenvolvimento dos/as discentes que apresentam algum tipo de dificuldade tem influências do meio que os/as circunda e depende muito do processo de aprendizado que lhes é oferecido na família e também na escola.

Por isso, o contexto escolar deve ser estimulante e requer que os/as profissionais tenham conhecimento sobre o assunto. Quando isso não ocorre, o “[...] jogo de falta de conhecimento provoca nos professores e gestores um ambiente de incompetência e alienação.” (SANTOS; PEREIRA, 2012, p. 3). Quando isso acontece, a escola procura recursos fora de seu âmbito, algumas vezes por falta de preparo e esclarecimento dos/as profissionais que a compõem. Os/As profissionais mais procurados/as são médicos/as

especialistas em problemas mentais, psicológicos/as e psicopedagogos/as que acabam responsáveis pelo diagnóstico e acompanhamento.

Contudo, quando os/as estudantes passam o ano letivo com notas baixas, mau desempenho escolar, há indícios de que algo pode estar/ter ocorrido, e muitas vezes é o docente que percebe isso. Nesse sentido, um dos aspectos relevantes é afetividade. “[...] A afetividade na relação professor-aluno é algo indispensável para que o educador consiga identificar os motivos pelos quais o aluno está apresentando dificuldades de aprendizagem”. (SANTOS, 2015, p. 25). Compreende-se que a aproximação e o afeto entre professor/a e aluno/a auxiliam no estímulo à aprendizagem e enfrentamento das dificuldades. Sobretudo quanto ao desenvolvimento intelectual, sendo que o contato entre transmite sentimento de segurança, respeito e cumplicidade.

Para entender melhor a diferença entre dificuldade de aprendizagem e transtorno deve-se levar em consideração que “as crianças com dificuldades de aprendizagem possuem disfunções em habilidades necessárias para haver aprendizagem efetiva, apresentando problemas na compreensão da leitura, organização e retenção da informação e na interpretação de textos.” (SANTOS, 2015, p. 25). No que se refere ao processo de aprendizagem da criança com dificuldades, cabe observar que os problemas mais recorrentes estão associados em habilidades que podem, muitas vezes, ser trabalhados pelo/a professor/a.

“O professor tem que ter a sensibilidade de perceber se a criança está apresentando dificuldades, e por que ela está apresentando dificuldade, às vezes muitas dificuldades apresentadas tem causas externas, na escola e na família.” (SANTOS; PEREIRA, 2012, p. 12). Dessa forma, ele/a deve aprender a olhar o outro em sua inteireza, atentar-se às especificidades de cada um/a e assim atuar, intervindo de acordo com o contexto do/a discente. As dificuldades estão relacionadas, em grande proporção, a questões escolares que envolvem métodos didático-pedagógicos que não se adequam a certas realidades que envolvem estruturas familiares diversas, desavenças, abandono, condições de miséria. Enfim, há muitos aspectos que atrapalham e acarretam a dificuldade de aprendizagem, mas que podem ser minimizados, conforme os estímulos do/a docente.

Deve-se observar que quando a dificuldade em aprender se torna cada vez mais evidente e insiste em persistir por mais tempo que o previsto pelo/a educador/a, envolvendo matemática, leitura e escrita, pode ser sinal de transtorno de aprendizagem

de cunho neurológico, diferente de dificuldade de aprendizagem que envolve outros fatores que podem ser resolvidos em curto prazo. Depende muito das avaliações pedagógicas, mediações intencionais e diagnósticos que correspondem à dificuldade de aprendizagem⁶.

Neste viés, as características do transtorno podem acarretar consequências nos/as discentes que, provavelmente, não alcançariam com facilidade e autonomia necessária, caso não se tenha um acompanhamento pedagógico adequado ou até mesmo psicopedagógico⁷.

Os diagnósticos de transtorno devem ser efetivados mediante o início do processo de escolarização no ensino fundamental. Estes são precisos quando se levam em consideração referenciais importantes para a descoberta de cada tipo de transtorno⁸. O encaminhamento a especialistas em neurologia deve ser iniciado o quanto mais breve possível, para que a criança não se sinta totalmente incapaz diante dos conteúdos ministrados pelo/a professor/a em sala de aula.

“As crianças com distúrbios da aprendizagem apresentam discrepância significativa e inexplicável no desenvolvimento entre suas funções cognitivas ou entre algumas áreas de seu desempenho acadêmico e suas outras capacidades ou realizações.” (FRANCESCHINI *et al.*, 2015, p. 100). Sendo assim, estas carregam consigo funções intrínsecas que afetam a cognição e o processamento de dados novos e possíveis aprendizagens interligadas a habilidades de leitura, escrita e questões matemáticas⁹.

No que difere transtorno de dificuldade de aprendizagem, pode-se identificar que esta se refere, na maioria das vezes, a fatores de ordem unicamente externa, menos a fatores internos, e que impactam na aprendizagem do/a discente. “As dificuldades de

⁶ De acordo com DSM-5 (2014), uma característica essencial do transtorno específico da aprendizagem são dificuldades persistentes para aprender habilidades acadêmicas fundamentais (Critério A), com início durante os anos de escolarização formal (i.e., o período do desenvolvimento). Habilidades acadêmicas básicas incluem leitura exata e fluente de palavras isoladas, compreensão da leitura, expressão escrita e ortografia, cálculos aritméticos e raciocínio matemático (solução de problemas matemáticos). (APA, 2014, p. 68)

⁷ Diferentemente de andar ou falar, que são marcos adquiridos do desenvolvimento que emergem com a maturação cerebral, as habilidades acadêmicas (p. ex., leitura, ortografia, escrita, matemática) precisam ser ensinadas e aprendidas de forma explícita. (APA, 2014, p. 68).

⁸ “Assim, uma investigação abrangente envolverá profissionais especialistas em transtorno específico da aprendizagem e em avaliação psicológica/cognitiva.” (APA, 2014, p. 70).

⁹ “O transtorno específico da aprendizagem é mais comum no sexo masculino do que no feminino (as proporções variam de cerca de 2:1 a 3:1), não podendo ser atribuído a fatores como viés de recrutamento, variação em definições ou medidas, linguagem, raça ou nível socioeconômico.” (APA, 2014, p. 73).

aprendizagem sempre se apresentam associadas a problemas de outra natureza, principalmente comportamentais e emocionais.” (KAUARK; SILVA, 2008, p. 267). Nesse contexto, estas estão relacionadas a certos condicionamentos de causas emocionais, afetivas que podem ser solucionadas a partir do momento em que se descobrem os motivos de tais dificuldades.

As dificuldades podem ser acentuadas em determinadas disciplinas, aumentando o desinteresse e desânimo pelo estudo, já que as aulas passam a não ter sentido para alguns/algumas educandos/as, por não conseguirem aprender de imediato o que lhes foi proposto. “De modo geral, as crianças com dificuldades de aprendizagem e de comportamento são descritas como menos envolvidas com as tarefas escolares do que os seus colegas sem dificuldades”. (KAUARK; SILVA, 2008, p. 267). Sobretudo, estas se encontram à mercê do descrédito dos/as colegas, necessitando de mais investigações sobre suas causas e trabalhos pedagógicos mais direcionados.

“O objetivo é criar condições favoráveis para o desenvolvimento das habilidades nas quais a criança apresenta baixo rendimento.” (KAUARK; SILVA, 2008, p. 268). Por isso, a dificuldade de aprendizagem se diferencia do transtorno por apresentar condições que podem ser revertidas, assim que compreendidas as suas causas por meio de observação. Podem ser aspectos momentâneos, visto que o meio interfere no rendimento escolar dos/as estudantes com dificuldades.

Os transtornos de aprendizagem, de outro modo, são aqueles que acompanham o/a educando/a desde a infância até a fase adulta. São de ordem congênita, com propriedades neurológicas e biológicas. Destacam-se, dentre os transtornos mais frequentes, a dislexia, a discalculia e a disgrafia.

O processo de ensino-aprendizagem muitas vezes pode não ser fácil, pois lidar com tais situações, tanto de dificuldade quanto transtorno de aprendizagem, requer esforço e dedicação. Por isso, o papel dos/as profissionais da educação é tão importante, pois lidam com seres humanos. Não se pode pensar no outro como um objeto que está ali como mais um componente que nada faz, só apenas reproduz. Deve-se pensar nas suas capacidades, habilidades e potenciais.

A criança não pode se sentir desamparada e deixada de lado por enfrentar obstáculos ao aprender. Alguns/Algumas profissionais preferem abrir mão dos/as estudantes do que se posicionar e ajuda-los, pois não é tarefa fácil. Porém, é dever do/a

profissional pedagogo se atentar às situações vivenciadas e procurar intervir da melhor forma possível, e isso requer conhecimento teórico.

No próximo tópico, serão apresentadas as considerações, identificando se a problemática e objetivos foram totalmente respondidos, levando em consideração os resultados obtidos.

4 Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo principal compreender se há diferenças entre dificuldade e transtorno de aprendizagem, e quais seriam elas. Já os objetivos específicos foram destacar a importância de se obter conhecimentos a respeito das diferenças entre os dois conceitos, contribuir com mais pesquisas a respeito desta temática e levantar quais as áreas do conhecimento que tratam como mais incidência sobre tal assunto, de acordo com a bibliografia consultada.

Neste estudo, percebeu-se que as diferenças entre os conceitos existem e devem ser conhecidas pela equipe pedagógica da escola e multidisciplinar, no caso de diagnóstico, agregando a família nesse processo, uma vez que, às vezes, a criança é incompreendida por esta e também pelos/as profissionais da educação.

Constatou-se a necessidade de conhecimento pelos/as pedagogos/as para que ações oferecidas por eles/as sejam adequadas a cada estudante, promovendo o seu desenvolvimento educacional. As questões que direcionaram a escrita deste texto foram: Quais são, caso existam, as diferenças conceituais entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem, de acordo com os principais autores selecionados? Que áreas do conhecimento tratam sobre essa diferenciação e contribuem para a construção de distinções entre elas? Compreende-se que elas foram respondidas, tendo em vista os estudos realizados com base nos referenciais teóricos que subsidiaram a pesquisa.

As diferenças entre dificuldade e transtorno de aprendizagem foram identificadas, pois a primeira, para a maioria dos/as autores/as, é influenciada por fatores de ordem externa que impactam na aprendizagem do estudante como, por exemplo, fatores afetivos, sociais e ambientais que influenciam o/a discente, e que traz consigo ao ingressar na escola, evidenciadas nos primeiros anos iniciais e podem ser revertidos com base em um trabalho coletivo, da família, professores/as e às vezes de outros/as profissionais, como o/a psicopedagogo/a. O transtorno se caracteriza por ser

um distúrbio neurológico de ordem interna, é intrínseco ao indivíduo e deve ter acompanhamento clínico para efetuar diagnósticos necessários. O papel do/a pedagogo/a em tal processo se dará mediante a vinculação com esses/essas profissionais da saúde que acompanharão o desenvolvimento dos/as estudantes.

No decorrer da vida escolar, mais propriamente quando as crianças passam a se socializar e construir contatos mais diretos com outras no ambiente escolar poderão ocorrer disfunções que em algumas delas, impossibilitando-as de aprender conteúdos primordiais para o desenvolvimento. Muitas vezes, essas dificuldades apresentam-se inicialmente no contexto cultural da criança e nem os pais percebem por se tratar dos primeiros contatos desta com o mundo externo. A demora em adquirir algumas habilidades motoras e cognitivas como a fala, podem ser indícios de futuros transtornos.

O transtorno de aprendizagem afeta o desempenho escolar, contribuindo para resultados abaixo da média esperada no que se refere ao conhecimento adquirido. Por isso, é necessário que sejam identificadas as potencialidades desta, para que o/a professor/a em sua prática docente contribua com sua aprendizagem.

O/A docente mediador/a, diante de um possível transtorno de aprendizagem, precisa promover meios de um ensino eficaz, estabelecendo formas claras e objetivas de ensinar e aprender e condições favoráveis de interação do indivíduo para com os objetos mediados. [...] “a interação estabelecida caracteriza-se pela seleção de conteúdos, organização, sistematização didática para facilitar o aprendizado dos alunos e exposição onde o professor demonstrará seus conteúdos.” (CORTEZ; FARIA, 2011, p. 4).

O uso dos instrumentos e mediadores culturais adequados pelo/a docente, a cada situação de transtorno ou dificuldade de aprendizagem, favorecerá o desenvolvimento do/a educando/a. Contudo, não é só o/a professor/a que deve disponibilizar materiais para cada caso, mas sim as escolas e órgãos competentes devem fornecer condições adequadas para o trabalho deste/a¹⁰.

Considerando-se os dois termos, destaca-se que são necessários/as profissionais preparados/as para elaborar, organizar e executar intervenções e projetos educativos que se adequem às necessidades que cada estudante possui. É preciso procurar conhecer as questões históricas, ambientais, afetivas e emocionais dos/as discentes que os/as

¹⁰ O DSM-5 (2014) afirma que “um transtorno específico da aprendizagem só pode ser diagnosticado após o início da educação formal, mas, a partir daí, pode ser diagnosticado em qualquer momento em crianças, adolescentes e adultos, desde que haja evidência de início durante os anos de escolarização formal (i.e., o período do desenvolvimento)”. (APA, 2014, p. 70)

circundam. Outro aspecto importante é a socialização entre os pares, ao mesmo tempo em que o/a estudante interage com outros/as, ele/a aprende e também ensina, pois mesmo que possua algum tipo de dificuldade/transtorno, não se pode considera-lo/a como uma tábula rasa, uma vez que todos/as carregam conhecimentos e estes devem ser compartilhados.

Dessa maneira, o trabalho pedagógico deve ser diferenciado pautando-se na intencionalidade em benefício da aprendizagem dos/as discentes. O/A professor/a, antes de tudo, deve passar pelo processo de conscientização, ler a realidade dos indivíduos, conhecer o público com que atua, para que assim intervenha de maneira, mais efetiva e satisfatória.

Referindo-se às áreas do conhecimento que mais aparecem nos trabalhos selecionados, destacam-se as da Psicologia/Psicologia da Educação e Pedagogia, indicando a necessidade de interlocução entre saúde e educação para diagnosticar e lidar, principalmente com os transtornos, tendo em vista alguns/algumas estudantes.

Percebeu-se neste estudo, que alguns/algumas autores/as apresentam concepções diferentes sobre dificuldade e transtorno, evidenciando a complexidade da temática, pois não há consenso entre as áreas da Pedagogia, Psicologia, Psicologia da Educação e Psicopedagogia.

Entende-se que este estudo contribuirá para a futura atuação pedagógica da autora desta pesquisa, pois o assunto tratado abrange situações que ocorrem constantemente em diversas instituições escolares. Assim, esta pesquisa foi relevante para refletir sobre possíveis atuação docente, tendo em vista as situações identificadas no contexto da sala de aula. Comumente ouve-se que determinado discente “tem dificuldade de aprendizagem”, o que requer estudo e aprofundamento teórico, importante para o entendimento do assunto pelos/as profissionais da educação.

Para mais entendimento dessa questão, é necessário efetuar mais pesquisas se o diagnóstico dos transtornos ocorre efetivamente, qual sua incidência e quem faz essa identificação. Também é importante conhecer sobre as relações familiares e afetivas dos/as estudantes. Estudos que tratem quanto às probabilidades de minimizar diagnósticos precoces e o excesso de medicalização desnecessária também merecem destaque, uma vez que, pela complexidade do tema, a análise não se esgota com este trabalho.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM 5)**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://aempreendedora.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estat%C3%ADstico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>. Acesso em: 21 nov.2018.
- BARBOSA, Mariana de Barros. **Dificuldades de aprendizagem no contexto Escolar: perspectivas para sua compreensão e superação**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/128232/000851216.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- BRASIL. Portal oficial do governo federal. Diagnóstico educativo. **Dificuldades de aprendizagem atingem cerca de 5% da população escolar**. 2014. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2014/07/dificuldades-de-aprendizagem-atingem-cerca-de-5-da-populacao-escolar>. Acesso em: 08 jan. 2019.
- CARVALHO, Mariana Coelho; CIASCA, Sylvia Maria; RODRIGUES, Sônia das Dolores. Há relação entre desenvolvimento psicomotor e dificuldade de aprendizagem? Estudo comparativo de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, dificuldade escolar e transtorno de aprendizagem. **Revista de Psicopedagogia**, v. 32, n. 99, p. 293-301, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000300003. Acesso em: 19 nov. 2018.
- CORREIA, Aparecida da Paixão; LINHARES, Tatiana Corrêa. A atuação do psicopedagogo com crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): intervenção necessária para pais e educadores. **Paidéia**, Belo Horizonte, Ano 11, n. 17, p. 141-161, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/3933/1953>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- CORREIA, Miranda de Luís; MARTINS, Ana Paula. **Dificuldade de aprendizagem: Que são? Como entendê-las?**. Porto: Porto Editora, 2005. Biblioteca digital. Coleção Educação.
- CORTEZ, Renata Veloso de Moraes; FARIA, Moacir Alves de. Distúrbios de Aprendizagem e os Desafios da Educação Escolar. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 2, n. 1, p.1-10, 2011. Disponível em: <http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdf/v2-n1-2011/Renata.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- CUNHA, Neide de Brito. **Instrumentos para avaliação da leitura e escrita: estudos de validade**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade São Francisco, Itatiba, 2006. Disponível em:

<https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/6930472883317312.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

FEITOSA, Aline Yasnara Soares; NUNES, Jordana Alves. Aprendizagem: as dificuldades em foco. In: FORUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 4., 2012, Parnaíba, PI. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/a96b65a721e561e1e3de768ac819ffbb.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2018.

FRANCESCHINI, Belinda Talarico *et al.* Distúrbios de aprendizagem: disgrafia, dislexia e Discalculia. **Educação**, Batatais, v. 5, n. 2, p. 95-118, 2015. Disponível em: <http://claretianobt.com.br/download?caminho=/upload/cms/revista/sumarios/399.pdf&arquivo=sumario5.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERMANO, Giseli Donadon; CAPELLINI, Simone Aparecida. Desempenho de escolares com dislexia, transtornos e dificuldades de aprendizagem em provas de habilidades metafonológicas (PROHFON). **Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, Marília, v. 23, n. 2, p. 135-141, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S1516-1846201400040116100004&lng=em. Acesso em: 13 dez. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KAUARK, Fabiana da Silva; SILVA, Almeida dos Santos. Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental e ações psico & pedagógicas. **Revista de Psicopedagogia**, v. 25, n. 78, p. 264-270, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862008000300009. Acesso em: 19 nov. 2018.

MASSI, Giselle Aparecida de Athayde. **A outra face da dislexia**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27894/T%20-%20GISELLE%20APARECIDA%20DE%20ATHAYDE%20MASSI.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19 nov. 2018.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Para uma crítica da medicalização na educação. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 135-142, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/14.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2018.

PENTEADO, Jovana de Oliveira Amorim; PADIAR, Gláucia Roberta. A Disortografia como dificuldade de aprendizagem específica. In: CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 16., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Faculdade Eniac, 2016. Disponível em: <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2016/trabalho-1000022288.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

PERETTI, Lisiane. **Discalculia**: transtorno de aprendizagem. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática) - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Erechim, RS. 2009. Disponível em: http://www.uri.com.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/1020.pdf. Acesso em: 19 nov. 2018.

RODRIGUES, Zuleide Blanco. **Dificuldades de aprendizagem ou dificuldades escolares?** Um estudo sobre a visão dos professores. Dissertação (Mestrado em educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/10768>. Acesso em: 19 nov. 2018.

SANTOS, Euzila Pereira dos. **Dificuldades de Aprendizagem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Góias, 2015. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12111/1/2015_EuzilaPereiradosSantos.pdf. Acesso em: 19 nov. 2018.

SANTOS, Larissa Batista Carvalho; PEREIRA, Mônica Pereira Reis Amarante Dória. Dificuldades de aprendizagem: concepções e problemáticas contemporâneas. In: COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 6., 2012, São Cristóvão-SE. **Anais [...]**. São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, 2012. Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_15/PDF/16.pdf. Acesso em: 19 nov. 2018.

SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**: um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOUZA, Aniuza Magalhães Pereira de Souza. **Disgrafia**: causas e estratégias de correção no ensino/aprendizagem. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Português) - Universidade de Brasília, Buritis-MG, 2015a. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/17172/1/2015_AniuzaMagalhaes_tcc.pdf. Acesso em: 19 nov. 2018.

SOUZA, Beatriz de Paula. Orientação à queixa escolar: considerando a dimensão social. **Psicologia: ciência e profissão** [online], v. 26, n. 2, p. 312-319, jun. 2006, Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 nov. 2018.

SOUZA, Mariana Castro de. **Dislalia na escola**. 2015. Trabalho acadêmico da disciplina Psicologia da Educação II (Licenciatura em Ciências Exatas) - Instituto de Física de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015b. Disponível em: <http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20152/SLC0631-1/Dislalia%20na%20escola.pdf>. Acesso em 19 nov. 2018.

TULESKI, Silvana Calvo; EIDT, Nadia Mara. Repensando os distúrbios de aprendizagem a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 531-540, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n3/v12n3a10>. Acesso em: 30.nov.2018.